



Redescobrir o grande pintor moçambicano Malangatana

Exposição antológica reúne um importante conjunto de obras dos anos 50 e 60, mostrando o caminho que Malangatana (1936-2011) percorreu até se tornar um ícone da arte africana moderna

Pintura
Luísa Soares de Oliveira

Decorre até 26 de Outubro, nas instalações do Instituto Superior de Psicologia Aplicada (ISPA), a pequena exposição antológica *Malangatana: As primeiras pinturas (1959-1968)*. A presença daquele que é considerado como o maior pintor moçambicano numa escola superior de Lisboa poderá parecer estranha, mas de facto o artista, que faleceu no ano passado, colaborou com este instituto na realização de um mural para um auditório. Em 2004, realizou-se também aqui uma outra retrospectiva da obra do pintor.

A exposição, excelente, é constituída por obras vindas maioritariamente da colecção do arquitecto Pancho Guedes, mas também por empréstimos diversos, da Fundação Manuel de Brito e de colecionadores particulares, como António de Almeida Santos ou Pedro Rebelo de Sousa. As pinturas datam exclusivamente das décadas de 50 e 60, e através delas se compreende o caminho que o artista percorreu durante estes anos para se tornar num ícone da arte africana moderna. Malangatana, a partir da independência de Moçambique, adquiriu tanto ou maior relevo que os líderes políticos seus contemporâneos. Acompanhou, interveio e acabou por simbolizar a história recente de Moçambique, tanto que nem a sua intervenção na guerra de libertação o impediu de ser nomeado Artista pela Paz pela UNESCO, tendo ainda recebido outros prémios de importância pelo seu trabalho.

Na exposição, estão presentes obras antigas, da década de 50, a mesma em que começou a trabalhar. Malangatana nasceu em 1936 numa família de poucos recursos. Foi pastor, e aos 13 anos, já suficientemente "crescido" para trabalhar, apanhava bolas num clube de ténis de Lourenço Marques, hoje Maputo. Foi aqui que conheceu Augusto Cabral, artista plástico, que lhe terá dado os materiais necessários, aconselhando-o a que pintasse o que imaginava. Mais tarde, Pancho Guedes ter-lhe-á cedido um espaço na sua casa para trabalhar. Em contrapartida, recebia duas pinturas por ano.

Malangatana teve sucesso muito



Exposição de Malangatana é excelente, mas prejudica-a a inadequação do espaço universitário a uma iniciativa como esta

cedo. Em 1961 fazia uma exposição individual muito notada, e a esta se seguiram outras tanto nos países vizinhos - África do Sul, Rodésia -, como também na Europa. Pela mesma altura, tomou consciência do papel que podia exercer no processo de independência que então se iniciava. E em 1971 chegou a receber uma bolsa da Gulbenkian para estudar gravura e cerâmica, o que fez em Lisboa. Seria o seu primeiro contacto com a metrópole.

Mulheres azuis

As primeiras obras revelam um gosto, que também era o gosto do tempo, pela figuração ao serviço de uma narrativa imaginada. Malangatana foi um autodidacta. Mas decerto tomou contacto com livros e imagens em casa dos dois portugueses que o ajudaram. Nota-se, logo nas primeiras obras que pinta,

uma síntese muito bem feita entre o imaginário popular africano e a pintura tal como a fazia na altura, sobre aglomerado de madeira e com tintas coloridas, bem distante da tradição popular do seu país. Algumas figuras, como as "mulheres azuis" que surgem em diversos quadros, recordam o Picasso do cubismo sintético, o que não é de estranhar, visto que esse movimento captou da

Na década de 60, as personagens de Malangatana tornam-se mais violentas e o quotidiano irrompe na sua obra

arte africana indígena a capacidade sintética da forma. Outras desenvolvem-se quase como uma banda desenhada; há, por exemplo, uma história em que uma mulher enganava o marido deixando bilhetinhos ao amante na dobra do chapéu, que ocupa diversas pinturas, sem que alguma vez vejamos representado o segundo homem. Noutras peças, a capacidade de Malangatana em criar seres fantásticos e imaginários encontra-se com a tendência que o surrealismo teve em Portugal para o mesmo tipo de figuração.

Já na década de 60, as personagens de Malangatana tornam-se mais violentas e os temas do quotidiano irrompem na sua obra. A exposição tem poucas telas deste período, que acabou por se tornar o mais conhecido da obra do artista. Mas uma delas deve ser destacada: *O julgamento dos militantes da 4ª*

região da Frente Nacional de Libertação de Moçambique, de 1966. Aqui, a figura torna-se plana, perde toda a modelação e ostenta um contorno a negro. Tudo a afasta da figuração pop, sua contemporânea.

A exposição é, contudo, prejudicada, e muito, num único aspecto: a total ausência de adequação do espaço onde está (a que os responsáveis chamam Galeria do ISPA) para iniciativas deste tipo. Trata-se de um patamar cheio de sofás, plantas decorativas, balcões e funcionários que atendem os alunos, seguranças, janelas, e toda a parafernália dum espaço universitário deste género. Não só não destaca as obras, como não contribui em nada para a sua conservação e salvaguarda. O ISPA teve realmente a ideia excelente de apresentar a obra de Malangatana, mas faltou-lhe o espaço correcto para o valorizar e dar a ver.